

CARACTERIZAÇÃO DO COMPORTAMENTO SEXUAL DE ADOLESCENTES E ADULTOS JOVENS PRIVADOS DE LIBERDADE EM MONTES CLAROS - MG

Autores: PAUL HOLZMANN NETO, DEBORAH FERNANDA NUNES MOREIRA, DOROTHY DÁVILA SILVA DIAS, ANA PAULA FERREIRA HOLZMANN, TATIANE AMÉLIA FERREIRA, EDNA DE FREITAS GOMES RUAS, NEIVA APARECIDA DIAMANTINO

Introdução

A adolescência, que pode ser definida como o período da vida entre os 10 e 19 anos, bem como a faixa etária compreendida entre 20 e 24 anos, dos denominados “jovens adultos”, englobam um período ímpar da existência humana, marcado pelo choque de transfigurações nas esferas física, mental, emocional, sexual e social, assim como pela pressão oriunda das expectativas e imposições do meio sociocultural do indivíduo, caracterizando uma fase evolutiva exclusiva da espécie, que, inexoravelmente, o conduzirá a exibir características de homem ou de mulher adultos. (MENEZES, 2007).

Nesse emaranhado de transformações, os adolescentes vivenciam sentimentos conflituosos, às vezes, paradoxais, que, se somados a contextos familiares e sociais desfavoráveis, podem conduzi-los a comportamentos transgressores e desviantes que podem resultar no afastamento do convívio social, por meio de medida socioeducativa do Estado (DINIZ e CORREA, 2001).

Este público merece atenção especial não só pelo referido perfil de risco inerente ao mesmo, como pela maior dificuldade de acesso aos serviços de saúde. (MIRANDA e ZAGO, 2001). Em nível nacional, são escassos os estudos sobre jovens em conflito com a lei, mas além da intrínseca propensão ao envolvimento com violência e criminalidade urbana, é relatada uma maior vulnerabilidade para desenvolvimento de comportamentos sexuais de risco e aos respectivos agravos, incluindo infecções sexualmente transmissíveis (IST)/AIDS, gravidez precoce, prática do aborto, entre outros, exigindo atenção específica e integral à saúde. (DINIZ e CORREA, 2001; MENEZES, 2007).

Por fim, apesar do impacto biopsicossocial resultante das consequências ocasionadas por práticas sexuais desajuizadas, são insuficientes os programas temáticos sobre educação em saúde sexual destinados à população jovem, particularmente nos espaços de atenção psicossocial onde os adolescentes se encontram institucionalizados (BARCELOS, 2010). Para que seja possível reverter tal cenário, estudos voltados a descrever os aspectos que permeiam o comportamento sexual do grupo em questão, como propostos pelo presente trabalho se justificam e são de importância, de forma a fomentar as ações apropriadas e cabíveis.

Material e métodos

Trata-se de um estudo transversal, com abordagem quantitativa e análise documental. A coleta dos dados foi realizada no Centro de Testagem e Aconselhamento em DST/Aids (CTA) de Montes Claros, com dados secundários relativos às atividades itinerantes de aconselhamento e testagem ofertadas pela equipe do CTA aos internos do Centro Socioeducativo Nossa Senhora Aparecida (CSENSA), situado no mesmo município, no período de 2014 a 2016. Ressalta-se que a Unimontes também participa dessas atividades, em parceria com o município e CSENSA, por meio de um projeto de extensão comunitária intitulado “Educação e Saúde para Adolescente em Situação de Vulnerabilidade”, aprovado pela Resolução CEPEX nº103/2013 de 19/06/2013.



A população de estudo foi composta pelos adolescentes em situação de privação de liberdade por medida socioeducativa, institucionalizados no referido Centro Socioeducativo que, na ocasião, participaram das atividades promovidas pelo CTA (aconselhamento em IST/HIV/Aids/ e testagem rápida), no período delimitado para o estudo.

Os dados foram coletados a partir do formulário do SI-CTA (Sistema de Informação dos Centros de Testagem e Aconselhamento), preenchido pelos aconselhadores durante o aconselhamento individual e arquivados no serviço (CTA). A pesquisadora responsável pela coleta dos dados é também aconselhadora do CTA, o que facilita o acesso aos arquivos e a manipulação adequada dos documentos, sem comprometimento do sigilo dos dados.

Os dados coletados foram digitados e organizados em planilha do programa excel que posteriormente foi transferida para o programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), onde foram analisados de forma descritiva.

Este trabalho atende às diretrizes e normas determinadas pela resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamenta a realização de pesquisas envolvendo seres humanos e já foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIMONTES. Mesmo se tratando de um estudo com dados secundários, o presente projeto também foi submetido à apreciação da Promotoria da Vara da Infância e Juventude, que deu parecer favorável. Os resultados, aqui apresentados, representam dados parciais de projeto inserido no Programa de Iniciação Científica (PROINIC) da Unimontes.

Resultados e discussão

Participaram do estudo 349 adolescentes e jovens adultos institucionalizados com idades entre 12 e 21 anos (média de 17), todos do sexo masculino, sendo a maioria auto declarada como de cor não-branca (87,4%) e solteira (95,5%). 89,9% dos participantes afirmaram já ter iniciado as atividades sexuais. Destes, 98,8% informaram relacionamento sexual somente com mulheres e um número de parceiras que variou de uma a 50, com média de oito. Quanto ao uso de preservativo no último ano, dos que tiveram parceria fixa, 25,7% informaram fazer uso em todas as relações com a mesma, enquanto uma parcela significativa de 42% não utilizou (Gráfico 1A). Os principais motivos para a não utilização do preservativo levantados foram, em ordem, confiar na parceira (o) (48%), não gostar de usar (36,6%) e não dispor do preservativo no momento (6,5%). Um estudo salientou que o adolescente do sexo masculino, devido ao fato de muitas vezes ambicionar construir sua própria identidade/ masculinidade, procura demonstrar invencibilidade diante dos demais, se expondo assim a maiores riscos, como a não adoção de métodos anticoncepcionais e de proteção contra IST (NASCIMENTO e GOMES, 2008). No que se refere aos jovens com parcerias sexuais eventuais, mais da metade relatou uso do preservativo masculino na última relação (51,8%). Avaliar o emprego de métodos de proteção na última relação sexual é uma boa estratégia para conhecer o comportamento na adolescência, devido ao caráter esporádico e dinâmico das relações afetivas específicas dessa fase (BORGES et al., 2016). Vários estudos envolvendo a população jovem corroboram ao mostrarem que a maior parte dos grupos investigados utilizou preservativo masculino na última relação sexual (SANCHEZ, 2012, MOLA, 2016), o que representa algum sucesso, mesmo que discreto, na contribuição das campanhas e de políticas públicas reforçadoras da prática do sexo seguro voltadas a esse público (BARCELOS et al., 2010). Não obstante, ainda há grande parcela exposta a práticas sexuais sem proteção e é evidente a falta de regularidade na utilização do insumo, como evidenciado pela baixa porcentagem (35,6%) de indivíduos que sempre fazem uso do preservativo durante as relações com parceiras (os) eventuais (Gráfico 1B). Ainda assim, tais dados obtidos neste estudo representam um resultado mais positivo se comparados aos achados, de mais de uma década atrás, por Peres et al. (2002), em que apenas 9% dos adolescentes do sexo masculino privados de liberdade apresentavam uso consistente de preservativo, enquanto 35% relatavam ter feito uso em sua última relação antes da privação de liberdade. Os motivos mais elencados, neste estudo, para não utilização do preservativo em relações com parceiras (os) eventuais foram não gostar de usar (44,2%) preservativo, não dispor do mesmo no momento (22,5%) e confiar na parceria sexual (11,6%).



Conclusões

Os resultados apresentados permitem constatar que a população de adolescentes e jovens estudada possui comportamento sexual que aumenta a vulnerabilidade para IST, além de gravidez indesejada, representado, principalmente, pelo expressivo número de parcerias sexuais e irregularidade na utilização de preservativos.

Espera-se, assim, que o presente estudo auxilie na compreensão das relações e comportamentos referentes à vida sexual dos jovens institucionalizados, possibilitando avaliar variáveis não muito descritas em âmbito brasileiro e facilitar a implantação de programas que busquem a conscientização e sensibilização quanto a esta temática no grupo de risco em questão.

Agradecimentos

Agradecimento especial à FAPEMIG pelo apoio e concessão de bolsa de iniciação científica, por meio do PROINIC/Unimontes.

Referências bibliográficas

BARCELOS, M.R.B.; VASCONCELLOS, L.C.F.D; COHEN, S.C. Políticas Públicas para Adolescentes em Territórios Vulneráveis . **Rev. Bras. Promoç. Saúde**, v.23, n.3, p.287-294, 2010.

BORGES, A.L. et al . ERICA: sexual initiation and contraception in Brazilian adolescents. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo , v. 50, supl. 1, 15s, 2016 .

DINIZ, D; CORREA, M. Declaração de Helsinki: relativismo e vulnerabilidade. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 17, n. 3, p. 679-688, June 2001 .

MENEZES, E.S. Da informação à formação para a autonomia: o olhar do adolescente sobre a prevenção das DST/Aids [dissertação]. Belo Horizonte (MG): Escola de Enfermagem da UFMG; 2007.

MIRANDA, A.E.; ZAGO, A. M. Prevalência de infecção pelo HIV e sífilis em sistema correccional para adolescentes. **J bras Doenças Sex Transm**, v.13, n.4, p.35-39, 2001.

MOLA, Rachel et al . Uso de preservativo e consumo de bebida alcoólica em adolescentes e jovens escolares. **Einstein (São Paulo)**, São Paulo , v. 14, n. 2, p. 143-151, June 2016 .

NASCIMENTO, E. F.; GOMES, R. Marcas identitárias masculinas e a saúde de homens jovens. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 7, p. 1556-1564, 2008.

OLIVEIRA, M. B.; ASSIS, S. G. Os adolescentes infratores do Rio de Janeiro e as instituições que os “ressocializam”. A perpetuação do descaso. **Cad. Saúde Pública** , 15:831-844, 1999.

PERES, C.A. et al . Prevenção da Aids com adolescentes encarcerados em São Paulo, SP. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo , v. 36, n. 4, supl. p. 76-81, Aug. 2002

SANCHEZ, Z.M. et al . Sexual behavior among high school students in Brazil: alcohol consumption and legal and illegal drug use associated with unprotected sex. **Clinics** , São Paulo , v. 68, n. 4, p. 489-494, Apr. 2013 .

Gráfico 1. Uso de preservativo masculino durante relações sexuais com parcerias fixas (A) e eventuais (B) no último ano. Montes Claros, 2014-2016.



